

20 JUL 1985

Outro "não" ao convite de Fidel *Divida externa*

Assim como no caso brasileiro, não haverá representação oficial argentina à reunião de dirigentes políticos latino-americanos que começará no próximo dia 30 em Havana para discutir a dívida externa da região. Para viajar a Cuba, o presidente Alfonsín escolheu um homem "refratário" ao tema da rejeição da dívida e que ideologicamente "jamais sentirá tentações socialistas".

É o que informa de Buenos Aires o correspondente do JT, Hugo Martínez, acrescentando que a designação de García Vázquez, amigo pessoal do presidente, ex-presidente do Banco Central e atual chefe do Departamento de Estudos Econômicos do partido do governo, confirma que o caminho escolhido pela Argentina para o tratamento da dívida externa difere totalmente do proposto por Fidel Castro. Essa atitude é reforçada por declarações do chanceler Dante Caputo, que declarou abertamente não estar de acordo com a tese do presidente cubano:

— Esse método equivale a quebrar o sistema — disse o chanceler.

Em Paris, os dez principais países credores de Cuba aceitaram ontem o reescalonamento do serviço da dívida do país em 1986, declarando desejar com isso prestar uma ajuda ao programa de saneamento econômico-financeiro iniciado pelos cubanos.

Os representantes de Áustria, Bélgica, Canadá, Dinamarca, Espanha, França, Itália, Japão, Grã-Bretanha e Suécia manifestaram "satisfação" com o programa econômico e financeiro de Cuba, mas nem os negociadores cubanos nem o Clube de Paris deram a conhecer o quanto foi reescalonado.

Em Havana, o presidente Fidel Castro afirmou que os bancos norte-americanos estão em condições de suspender a dívida do Terceiro Mundo porque o governo dos Estados Unidos "joga dinheiro fora" com a produção de armas nucleares e para "coisas malucas como a guerra nas estrelas", (referência à Iniciativa de Defesa Estratégica, do presidente Reagan).

Num discurso de quatro horas, que acabou nas primeiras horas da madrugada de ontem, Castro afirmou que "o cancelamento da dívida externa é de benefício para os países industrializados".

Essas declarações foram feitas num encontro de 350 líderes sindicais latino-americanos e caribenhos que se reuniram em Havana para discutir a dívida externa de seus países.

— Se a América Latina tivesse US\$ 300 bilhões a mais em poder aquisitivo — argumentou Castro — um número muito maior de fábricas dos países industrializados tra-

balharia a plena capacidade e o desemprego seria drasticamente reduzido. Ele acrescentou que a dívida latino-americana é pequena quando comparada com o dinheiro aplicado em armas pelos países do mundo.